



Veredas Atemática

VOLUME 16 nº 2 - 2012

Verbos Psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente?

Márcia Cançado (UFMG)¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo mostrar que a classificação de verbos psicológicos não é relevante gramaticalmente, levando-se em conta que *ser gramaticalmente relevante* neste contexto significa que a propriedade de *ser psicológico*, contida em certos verbos, restringe ou licencia determinadas propriedades sintáticas, tais como passivas, alternâncias verbais, entre outras. Dentro de uma perspectiva lexicalista, que adota níveis léxico-semântico e sintático distintos, e valendo-me da linguagem formalizada de decomposição de predicados, mostro que os verbos apontados na literatura como sendo participantes de classes típicas e com propriedades típicas de verbos que denotam um estado psicológico pertencem, em realidade, a outras classes semânticas de verbos. As propriedades sintáticas apresentadas por esses verbos também são encontradas em outros tipos de verbos, que não são psicológicos, evidenciando-se assim que *apresentar determinado estado psicológico* é uma propriedade que faz parte do sentido idiossincrático de alguns verbos, e não do sentido recorrente da estruturação semântica, relevante para a estruturação sintática.

Palavras-chave: verbos psicológicos; estrutura argumental; decomposição de predicados

Introdução

Na literatura em linguística muito se fala sobre classes de verbos. Uma dessas classes, muito referida em várias correntes linguísticas (teorias sintáticas, semânticas e lexicais) é a classe dos verbos psicológicos (ver Belletti e Rizzi, 1988; Grimshaw, 1990; Landau, 2010, Cançado, 1995, 1996, 2002; Cançado e Franchi, 1999; entre outros). Essa classificação não é feita de forma aleatória, e, por trás dessa classificação semântica dos verbos, existem certos critérios que são seguidos para que tal classificação seja pertinente para o estudo das

¹ A autora agradece o apoio financeiro da bolsa PQ do CNPq e do auxílio PPM da FAPEMIG.

gramáticas das línguas. Portanto, parece ser consenso entre os linguistas que o estudo da classe de verbos psicológicos pode nos mostrar muitas facetas a respeito das estruturas sintáticas e semânticas de uma dada língua e que essa é uma classificação gramaticalmente relevante. Darei, pois, alguns exemplos do que é ser gramaticalmente relevante, dentro da perspectiva lexicalista aqui adotada.

Segundo Godoy (2009), um exemplo hipotético de um agrupamento em que tomamos um sentido compartilhado por verbos específicos pode ser: *gritar, beijar, beber, bocejar, falar* e *assoviar*; esses verbos acarretam igualmente a propriedade semântica *ter boca* ao seu sujeito. Essa propriedade está contida nas informações lexicais desses itens. Entretanto, o comportamento sintático desses verbos não é sensível a essa propriedade, ou seja, não conseguimos fazer nenhum tipo de generalização sobre a sintaxe a partir dessa propriedade semântica. Apenas *beijar*, por exemplo, forma uma sentença reflexiva (*O João se beijou*) e apenas *beber* forma uma sentença medial (*Essa cerveja se bebe muito no Brasil*). *Gritar, bocejar* e *assoviar* são intransitivos e *beijar* e *beber*, transitivos. Não há um traço do comportamento sintático desses verbos que lhes seja comum. Evidentemente, do ponto de vista estritamente descritivo, podemos reunir verbos com o intuito de fazer um agrupamento semântico de classes verbais. Verbos do tipo mostrado acima podem ser caracterizados como verbos pertencentes à classe dos verbos “de seres que têm bocas”. Entretanto, essa distinção semântica não será relevante para qualquer tipo de generalização sintática.

Tomemos, pois, uma propriedade que seja comum a vários outros verbos: *agir com intenção*. Podemos listar sumariamente verbos que acarretam tal propriedade, ou seja, que contêm essa propriedade entre as suas propriedades semânticas: *escrever, comer, cozinhar, desenhar*, dentre vários outros verbos que aqui poderíamos enumerar. Vejamos que, além de todos esses verbos serem transitivos, eles aceitam, por exemplo, a formação de passivas: *a carta foi escrita, a maçã foi comida, a carne foi cozida, a casa foi desenhada*, mostrando assim que eles têm propriedades sintáticas em comum. Portanto, *agir com intenção* será, com certeza, uma propriedade semântica relevante a ser estudada na análise gramatical das línguas.

Seguindo essa linha de análise, estou assumindo que classificar verbos em classes específicas implica agrupá-los em classes que partilham certas propriedades tanto sintáticas quanto semânticas. Para isso, então, assumirei, juntamente com Fillmore (1971), Dowty (1991), Levin e Rappaport-Hovav (2005), dentre outros, que a informação semântica presente nos itens lexicais não se resume a uma coleção de sentidos idiossincráticos. Existem também outros tipos de sentido, os sentidos que são relevantes gramaticalmente, determinando as realizações sintáticas dos itens. Assim, formula-se a hipótese de que a semântica restringe a sintaxe. Melhor dizendo, parece haver propriedades semânticas presentes nos itens lexicais, ou decorrentes da sua composição com outros itens, que determinam ou licenciam certas construções sintáticas com esses itens ou que, ao contrário, barram determinados arranjos sintáticos com os mesmos. Logo, se alguns verbos se comportam sintaticamente da mesma maneira ou, mais propriamente, compartilham uma propriedade sintática, então são suspeitos de carregar alguma propriedade semântica em comum. Portanto, se os verbos psicológicos são classificados como uma classe específica, parece ser assumido que a propriedade *apresentar um determinado estado psicológico* é relevante gramaticalmente, ou seja, que essa propriedade tem implicações na sintaxe de uma determinada língua.

Entretanto, a hipótese deste artigo é que essa constatação não se sustenta diante da análise de dados do português brasileiro (daqui para frente, PB). A propriedade de *apresentar um determinado estado psicológico* é só uma propriedade específica do sentido de alguns verbos que, em realidade, pertencem a outras classes distintas do PB. Portanto, essa não é uma classificação relevante gramaticalmente.

1. Os verbos psicológicos

Os verbos classificados como psicológicos são verbos que denotam um estado emocional e têm, obrigatoriamente, um argumento que recebe o papel temático de experienciador. Segundo a literatura, os verbos psicológicos apresentam diferentes fenômenos relacionados à organização da estrutura argumental e à ligação de anáforas e, por isso, se constituem em uma interessante classe de análise. Uma primeira peculiaridade desses verbos é que o argumento que recebe o papel temático de experienciador pode aparecer tanto na posição de sujeito, como na posição de complemento de verbos que têm o mesmo significado (ou significados muito próximos), parecendo ser essa escolha aleatória. Essa organização diferenciada da estrutura argumental desses verbos forma duas subclasses, dadas pela estruturas temáticas canônicas abaixo, as mais encontradas na literatura:

- (1) a. O Mário teme fantasmas. {Exp, Tema}
b. Os fantasmas assustam o Mário. {Tema, Exp}
- (2) a. O João gosta da Maria. {Exp, Tema}
b. A Maria agrada ao João. {Tema, Exp}

Uma primeira classe pode ser representada pelos exemplos (1a) e (2a): a classe dos verbos que apresentam um experienciador na posição de sujeito, que vamos nomear de classe dos verbos do tipo *temer*. Em (1a), a pessoa que está em determinado estado emocional de medo, o experienciador, está na posição de sujeito; assim como em (2a), a pessoa que está em determinado estado emocional de gostar, o experienciador, também está na posição de sujeito. A segunda classe é a dos verbos que apresentam um experienciador na posição de complemento, que vamos nomear de classe dos verbos do tipo *assustar*. Em (1b), a pessoa que sofre o mesmo estado emocional de medo, o experienciador, é o complemento do verbo; assim como em (2b), a pessoa que sofre o estado emocional de gostar, o experienciador, também está em posição de complemento do verbo. O que a literatura aponta como intrigante nesse comportamento é que não se encontram pares análogos de verbos transitivos com essa alternância de argumentos, em outras classes verbais:

- (3) a. O João lançou a bola. {Ag, Tema}
b. A bola ??? o João. {Tema, Ag}
- (4) a. A pancada quebrou o vaso. {Causa, Pac}
b. O vaso ??? o João. {Pac, Causa}

O segundo fenômeno, característico somente da segunda classe dos verbos do tipo *assustar*, é a ligação de anáforas de uma maneira não usual; a anáfora localizada no sujeito pode tomar como antecedente o complemento desse verbo:

- (5) Falatórios sobre si mesmo_i assustam o João_i.
- (6) Estórias sobre si mesma_i agradam muito à Maria_i.

Segundo Chomsky (1981), pode-se dizer que esses exemplos violam o Princípio A de Ligação, mais especificamente, a condição de c-comando: uma anáfora deve ser c-comandada por seu antecedente. Segundo a literatura em geral, essa condição funciona, sistematicamente, para outros verbos transitivos, não funcionando apenas para os verbos do tipo *assustar*:

(7)*Estórias sobre si mesma_i; retratam a Maria_i; muito bem.

(8)*Falatórios sobre si mesmo_i; descrevem o João_i; melhor que uma biografia.

Apresentadas, então, as propriedades que são tidas como específicas a essa classe de verbos, vou argumentar na sequência que, em realidade, os dois fenômenos apresentados não são exclusivos dessa classe, ou subclasses, e a propriedade de *apresentar um determinado estado psicológico* não tem nenhuma relevância sintática.

2. A decomposição em predicados primitivos

Um primeiro ponto a ser observado é que a proposta de classificação dos verbos psicológicos é baseada em noções como os papéis temáticos de experienciador e de tema. Entretanto, é sabido que há uma grande divergência entre as definições propostas na literatura para os vários tipos de papel temático. O que seria tema para alguns autores não o seria para outros; o mesmo se dá com a noção de experienciador. Em vista disso, podemos perceber que a tentativa de classificação dos verbos psicológicos, em relação a seus papéis temáticos não se sustenta. Acredito que os papéis temáticos são noções intuitivas e devam constar dos estudos linguísticos, mas de uma forma apenas descritiva, sem que tenham um estatuto teórico². Por isso, assumo outra linguagem de representação semântica, em que uma linguagem mais formalizada é adotada, parecendo ser mais adequada para tratar dos problemas aqui tratados: a decomposição dos verbos em predicados primitivos.

Muitos semanticistas lexicais exploram a ideia de que os determinantes semânticos da realização argumental derivam da decomposição dos verbos, ou seja, o significado do próprio verbo é decomposto em elementos mais básicos, como é assumido, por exemplo, por Jackendoff (1990), Van Valin (2005), Levin e Rappaport (1995, 2005), Rappaport e Levin (1988) e Wunderlich (2000), entre outros. Como é afirmado por Levin e Rappaport Hovav (2005, p.69): “A decomposição de predicados é a representação do significado formulada em termos de predicados primitivos escolhidos para representar os componentes do significado que são recorrentes entre os grupos de verbos (tradução minha)”. Como os verbos individualizam e nomeiam os eventos, podemos assumir que teorias de decomposição de predicados são também teorias de tipos de eventos.

Vejam alguns exemplos, a partir das propostas de Levin e Rappaport-Hovav (2005) para o inglês e de Cançado, Godoy e Amaral (no prelo) para o PB, que servirão para analisar os dados aqui estudados:

(9) *Accomplishment*: [[X ACT] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]

(10) *Achievement*: [BECOME X <STATE>]

(11) *State*: [BE X STATE] ou [X STATE Y]

As estruturas acima mostram classes de verbos que são organizadas a partir dos eventos que nomeiam, seguindo a clássica divisão em aspectos acionais de Vendler (1967). Em (9), temos a representação de verbos que denotam um *accomplishment*, por exemplo, os verbos transitivos como *quebrar, abrir, sujar* etc. Esses verbos nomeiam eventos que têm um princípio, um ápice e um estado final, ou seja, um processo causativo. Em (10), podemos ter a representação da contraparte incoativa desses mesmos verbos, ou seja, a versão intransitiva de

² Ver argumentação semelhante em Levin e Rappaport Hovav (2005) e Cançado, Godoy e Amaral (no prelo).

quebrar, abrir, sujar; ou poderíamos ter a representação de verbos que só denotam o processo: *morrer, adoecer, azedar*. Esses verbos seriam aspectualmente classificados como *achievements* e são reconhecidos pelo fato de só apresentarem o ponto final do evento. Em (11), teríamos a representação de eventos que denotam os estados, que podem ser nomeados pelo estado final de um *accomplishment* ou um *achievement*, em PB geralmente representados por um adjetivo e um argumento; ou ainda, podem ser nomeados por verbos que denotam um somente um estado: *ter, ver, conhecer* etc. Esses verbos podem ser reconhecidos pelo fato de o evento descrito permanecer constante, não mostrando o que o desencadeou ou se houve algum tipo de afetação no processo.

Vejam agora o que representa a linguagem usada na elaboração dessas estruturas. As variáveis X e Y representam os argumentos que saturam um predicado, aos quais associamos, por exemplo, os papéis temáticos de agente e paciente. Temos os metapredicados ACT ‘agir’ e BECOME ‘tornar-se/ficar’ que tomam X e X/Y STATE ‘estado’, respectivamente, como seus argumentos. O metapredicado CAUSE ‘causa’ toma os dois subconjuntos notados entre colchetes, ou seja, os dois subeventos representados pelos grupos de metapredicados e argumentos, como seus argumentos. Até aqui, mostrei a metalinguagem usada para representar a parte que é recorrente nas classes de verbos, ou seja, o que é decomponível. Entretanto, os verbos, além da parte do sentido que dividem com outros verbos, também apresentam individualmente um sentido que é idiossincrático. Esse sentido, que chamaremos de raiz, dá origem ao nome dos verbos e vem representado entre colchetes angulados. As raízes dos verbos, apesar de veicularem um sentido idiossincrático, podem também ser classificadas quanto a determinados tipos ontológicos. Nos exemplos que usarei na análise, somente entrará o tipo ontológico STATE que é um metapredicado que toma X/Y como argumento. Apresentada, então, a metalinguagem que será usada, mostrarei como podemos usá-la para representarmos tipos de verbos específicos³.

Os verbos que denotam *accomplishments* vão ser representados pela estrutura geral, mostrada acima, em (9).

(12) *quebrar*: [[X ACT] CAUSE [BECOME Y <QUEBRADO>]]

(13) *abrir*: [[X ACT] CAUSE [BECOME Y <ABERTO>]]

(14) *sujar*: [[X ACT] CAUSE [BECOME Y <SUJO>]]

Representações como em (13), (14) e (15) podem ser parafraseadas como:

(16) O X agir causa o Y ficar *quebrado, aberto e sujo*.

A paráfrase em (16) seria o sentido subjacente de sentenças como:

(17) O João quebrou a porta.

(18) O João abriu a porta.

(19) O João sujou a porta.

³ Não se esgota aqui a metalinguagem usada na decomposição de predicados; podemos ter mais uma variável Z, em verbos com três argumentos; também temos metapredicados como DO, AFFECT, MOVE, CREATE, IN, WITH, entre outros, para expressar sentidos recorrentes de classes verbais; ainda, podemos ter outras categorias ontológicas como EVENT, THING, MANNER, essa última tendo uma função de modificadora do metapredicado, diferentemente da função de predicado de outras raízes. Entretanto, usarei na minha análise somente a metalinguagem explicitada.

A parte recorrente do sentido dessa classe de verbos é toda a estrutura à esquerda dos colchetes angulados e a parte idiossincrática é a que está dentro dos colchetes angulados. Podemos associar *o João* e *a porta* às variáveis X e Y, respectivamente. O metapredicado ACT é associado à volição do argumento *João* nas ações, o que nos leva conseqüentemente a atribuir, descritivamente, o papel temático de agente a esse argumento. O subevento [BECOME Y <QUEBRADO/ABERTO/SUJO>] é associado ao resultado da ação: a porta ficar quebrada/aberta/suja, o que nos leva a atribuir, descritivamente, o papel de paciente ao argumento *porta*. As raízes *QUEBRADO/ABERTO/SUJO* associamos ao estado final do evento e aos nomes dos verbos, que são os que os caracterizam individualmente. E, por fim, o metapredicado CAUSE é associado à relação de causação entre os dois subeventos: o primeiro, no qual o João age com volição e o segundo, no qual a porta está em determinado estado final.

Se quisermos representar somente a contraparte incoativa dessa classe de verbos, os *achievements*, como nas sentenças:

- (20) A porta (se) quebrou.
- (21) A porta (se) abriu.
- (23) A porta (se) sujou.

usaríamos somente o segundo subevento da estrutura que representa o ponto final do evento, como na estrutura geral representada acima, em (10).

- (15) [BECOME X <QUEBRADO>]
- (16) [BECOME X <ABERTO>]
- (17) [BECOME X <SUJO>]

E, por fim, se quiséssemos representar somente o estado final do evento, como nas sentenças:

- (18) A porta está quebrada.
- (19) A porta está aberta.
- (20) A porta está suja.

Teríamos a seguinte representação:

- (21) [BE X *QUEBRADO*]
- (22) [BE X *ABERTO*]
- (23) [BE X *SUJO*]

Ainda, se quiséssemos representar verbos que denotam estados, usaríamos:

- (24) *ter*: [X *TER* Y]
- (25) *ver*: [X *VER* Y]
- (26) *conhecer*: [X *CONHECER* Y]

Antes de passarmos para a análise dos verbos psicológicos, resta ainda uma ressalva em relação à utilização da linguagem de decomposição de predicados. Em que uma linguagem como esta seria mais adequada em relação a uma abordagem por grades temáticas, para se representar a estrutura argumental de classes verbais? Seguindo a argumentação de

Cançado, Godoy e Amaral (no prelo), em primeiro lugar, poderíamos destacar que a maior formalização da linguagem nos dá uma descrição mais fina e menos divergente do que a descrição em termos de papéis temáticos. Em segundo lugar, poderíamos destacar a vantagem de uma linguagem como a de decomposição de predicados representar não somente a relação semântica que os participantes estabelecem com seus predicados, ou seja, os papéis temáticos, mas também, representar a estrutura dos eventos. A partir de uma representação como esta, podemos dizer se o evento denotado é uma atividade, um estado etc. Esse tipo de informação não é acessível em uma estrutura argumental dada em termos de papéis temáticos. Um terceiro ponto seria a possibilidade de uma maior especificação das relações de predicação, que às vezes são relevantes para a gramática. Por exemplo, existem verbos que denotam um tipo de mudança para o seu complemento:

- (27) O João quebrou a porta.
- (28) O João ensacou o sal.
- (29) O João apimentou a comida.

Em (27), temos uma sentença que denota uma mudança de estado para a porta: a porta não estava quebrada e passou a ficar quebrada. Em (28), temos uma sentença que denota uma mudança de lugar: o sal não estava no saco e passou a ficar no saco. E em (29), temos uma sentença que denota uma mudança de posse em relação à comida⁴: a comida não tinha pimenta e passou a ter pimenta. Essas sentenças podem ser representadas, em termos de decomposição de predicados, segundo Cançado, Godoy e Amaral (no prelo), da seguinte forma, respectivamente:

- (30) [[X ACT] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]
- (31) [[X ACT] CAUSE [BECOME Y IN <PLACE>]]
- (32) [[X ACT] CAUSE [BECOME Y WITH <THING>]]

O que mostra que todos os verbos são de mudança é o predicado recorrente BECOME; e o que especifica os tipos de mudança são os tipos ontológicos das raízes e seus predicados: *estado*, *em lugar* e *com coisa*. A partir dessas estruturas, podemos prever, por exemplo, que verbos que apresentam a estrutura [BECOME Y <STATE>] participam da alternância causativo-incoativa:

- (33) A porta (se) quebrou.

O que não ocorre com verbos que apresentam as outras duas estruturas:

- (34) *A comida (se) apimentou.
- (35) *O sal (se) ensacou.

Entretanto, se usássemos a grade temática dos verbos, uma possível representação das estruturas argumentais seria:

⁴ Vou seguir aqui a proposta de Hale e Keyser (2002), em que uma paráfrase adequada para esses verbos seria: A comida foi provida com pimenta; ou seja, o estado final da comida é ficar com a pimenta, daí a noção de mudança de posse.

- (36) quebrar: {Causa, Paciente}
- (37) apimentar: {Agente, Paciente}
- (38) ensacar: {Agente, Paciente}

Não teríamos como prever essa diferença de comportamento gramatical entre os verbos que denotam uma mudança de estado e verbos que denotam outros tipos de mudança, pois aos três tipos de verbos seria atribuído o papel de paciente ao seu argumento interno⁵.

Além disso, como argumentam Levin e Rappaport (2005), em uma representação por grades temáticas, não podemos fazer a distinção entre raiz e estrutura, o que é uma grande perda em termos analíticos. Se a raiz representa a parte idiossincrática do sentido do verbo, podemos aí alocar várias propriedades que fazem parte do sentido dos verbos, mas que não são relevantes gramaticalmente; as propriedades relevantes gramaticalmente serão sempre alocadas na parte estrutural e recorrente dos verbos. Tal distinção não é captada por uma linguagem em termos de papéis temáticos. Essa distinção será fundamental para defender a hipótese de que não é relevante gramaticalmente falarmos em classe de verbos psicológicos.

3. A análise dos dados

3.1 A análise de Cançado (1995)

A análise que será mostrada baseou-se nos dados apresentados em Cançado (1995), em que a autora apresenta a análise de 300 verbos do PB, classificados como psicológicos. A autora divide esses verbos em quatro classes, segundo as suas propriedades sintáticas e semânticas. A Classe 1 é composta de verbos que têm o experienciador na posição de sujeito e, em uma classificação mais fina do que a dada em (1a), um papel temático intitulado “objetivo”, na posição de complemento. O papel temático objetivo é definido por Cançado (1995:113) como “um papel estativo, no sentido de que entra em uma relação com o predicador que não implica mudança de estado”. Exemplo dessa classe é:

- (39) José teme o cachorro. {Exp, Objetivo}

A Classe 2 é composta por verbos que apresentam o experienciador na posição de complemento, o que poderia equivaler à nossa classe de verbos do tipo *assustar*. Entretanto, na análise da autora, verbos do tipo *assustar* não fariam parte da Classe 2, pois apresentam propriedades distintas de verbos do tipo *preocupar*, que seria o exemplo prototípico da Classe 2. O papel temático do sujeito é analisado como causa⁶:

⁵ Como argumentam Cançado, Godoy e Amaral (no prelo) “em uma abordagem mais fina do conteúdo dos papéis temáticos, seria possível distinguir os “pacientes” dos exemplos, considerando que pode haver pelo menos três tipos de afetação: um “paciente”, afetado fisicamente, que muda de estado, um “tema”, que seria o participante afetado em seu deslocamento, e ainda um “possuidor” ou “beneficiário”, um participante afetado em suas posses. Ou seja, poderíamos propor grades temáticas diferentes para cada uma das classes tratadas aqui. No entanto, tal refinamento significaria perder a representação da generalização de que todas as classes expressam uma mudança. Ou seja, a linguagem da decomposição de predicados, é, por um lado, capaz de explicitar as diferenças entre as classes, e, por outro, é capaz de abarcar sentidos recorrentes. No nível dos papéis temáticos, uma das duas opções deve ser feita – refinar, explicitando-se as diferenças, mas perdendo o sentido comum às classes, ou generalizar, capturando o sentido comum entre as classes, mas perdendo as suas especificidades”.

⁶ Vários autores na literatura concordam com essa análise (Grimshaw, 1990; Landau, 2010; entre outros).

(40) A Rosa preocupava a mãe. {Causa, Exp}

A Classe 3 teria também um experienciador na posição de complemento, entretanto seu sujeito, além de aceitar uma causa, também aceita um agente; essa característica é o que faz os verbos da Classe 2 serem diferentes dos da Classe 3:

(41) A chegada da polícia/ a polícia acalma a multidão. {Agente/Causa, Exp}

A diferença entre as Classes 2 e 3 pode ser atestada sintaticamente, principalmente, pela capacidade de passivização que os verbos da Classe 3 apresentam:

(42)* A mãe foi preocupada por Rosa.

(43) A multidão foi acalmada pela chegada da polícia.

A Classe 4, em que entraria o verbo *assustar*, é apontada por Cançado como sendo uma classe que aceita tanto as propriedades da Classe 2 quanto as da Classe 3⁷, entretanto essas classes não se diferem quanto à sua grade temática:

(44) O João assustou a Maria com um grito. {Agente/Causa, Exp}

Baseada nessa análise e no Princípio da Hierarquia Temática⁸, a autora mostra que o suposto fenômeno apresentado em (1), em que dois verbos psicológicos com sentidos parecidos podem apresentar diferentes grades temáticas, em realidade, não é um problema. O que acontece é que temos duas estruturas argumentais distintas para verbos que têm o experienciador na posição de sujeito e um objetivo na posição de complemento, e para verbos que têm uma causa na posição de sujeito e um experienciador na posição de complemento e, por isso, esses papéis são projetados em distintas posições sintáticas. A Classe 1 projeta o experienciador na posição de sujeito, pois, segundo a Hierarquia Temática, esse papel é o preferido para essa posição, em relação ao papel de objetivo. A Classe 2 e a Classe 3 projetam o agente ou a causa na posição de sujeito e o experienciador na posição de complemento, pois os papéis de agente ou causa têm a preferência para a posição de sujeito em relação ao experienciador. Com isso, a autora resolve o primeiro fenômeno relativo aos verbos psicológicos.

Em relação ao segundo problema, Cançado (1995) e Cançado e Franchi (1999) mostram, empiricamente, que, pelo menos para o PB, o fenômeno de ligação excepcional de anáforas não é típico de verbos exclusivamente psicológicos:

(45) A consciência de si próprio_i ajuda muito o professor_i.

(46) A severa disciplina consigo mesmo_i torna Paulo_i um professor autoritário.

(47) A insegurança em si mesmo_i levou João_i à falência.

(48) A excessiva confiança em si mesmo_i custou a vida de Sam_i.

(49) A confiança em si mesmo_i é a virtude mais evidente de João_i.

(50) As estórias sobre si mesmo têm a aprovação do vaidoso mestre.

⁷ A autora analisa várias propriedades como: passiva sintática, passiva adjetiva, causativização.

⁸ A Hierarquia Temática é um princípio que estabelece a posição sintática de um argumento a partir de uma associação entre funções sintáticas e funções semânticas, baseando-se em uma hierarquia de papéis temáticos assumidos como preferenciais para cada posição sintática.

Os exemplos mostram que os mais variados tipos semânticos de verbos, com variados papéis temáticos, aceitam esse tipo de ligação, não se tratando, portanto, de um problema exclusivo dos verbos psicológicos. Como esse fenômeno é uma das maiores motivações para a classificação dos verbos ditos psicológicos, já fica enfraquecida a hipótese da relevância da propriedade *apresentar um estado psicológico* para uma classificação de verbos, motivada na relevância sintática.

A análise de Cançado (1995) parece resolver os problemas apresentados na literatura para os verbos psicológicos. Entretanto, a análise em termos de papéis temáticos ainda nos leva a crer que o estado psicológico é uma propriedade relevante gramaticalmente. Além disso, fica sempre o problema da definição dos papéis temáticos, um tanto vaga e sem consenso. E, ainda, mesmo a análise mais refinada, com a proposta da divisão em três classes, parece um indício de que os verbos psicológicos, na verdade, fazem parte de outras classes verbais e não formam uma classe coesa e justificável do ponto de vista gramatical⁹.

3.2 Verbos psicológicos e decomposição de predicados

Para fazer a análise, vou me utilizar das três classes e respectivos dados de Cançado (1995). Assumirei que os verbos que compõem a Classe 4 também fazem parte da Classe 3, já que não me parece relevante essa distinção, visto que a estrutura argumental é a mesma. Começemos pela Classe 2 e pela Classe 3, que têm como exemplos prototípicos os verbos *preocupar* e *assustar*, respectivamente.

Segundo Parsons (1990), entre outros, verbos que denotam uma mudança de estado acarretam necessariamente o sentido *become STATE* ‘*tornar-se/ficar estado*’, em que o adjetivo que denota o estado é relacionado ao verbo. Os verbos do tipo *preocupar* e *assustar* acarretam esse sentido:

- (51) a. A Rosa preocupou a mãe.
b. A mãe ficou preocupada.
- (52) a. O João assustou a Maria.
b. A Maria ficou assustada.

Entretanto, podemos perceber que outros tipos de verbos, que não são psicológicos, também acarretam tal propriedade, como é o caso dos exemplos em (17) a (19), retomados abaixo:

- (53) a. O João quebrou a porta.
b. A porta ficou quebrada.
- (54) a. O João abriu a porta.
b. A porta ficou aberta.
- (55) a. O João sujou a porta.
b. A porta ficou suja.

Ainda, todos os verbos listados acima, inclusive os psicológicos, aceitam a alternância causativo/incoativa:

⁹ Mesma argumentação é usada por Levin e Rappaport Hovav (1992) a respeito de não ser relevante gramaticalmente a classificação “verbos de movimento”.

- (56) A mãe (se) preocupou.
 (57) A Maria (se) assustou.
 (58) A porta (se) quebrou.
 (59) A porta (se) abriu.
 (60) A porta (se) sujou.

Portanto, faz sentido classificar os verbos acima, mais amplamente, como sendo pertencentes a uma mesma classe. Além de acarretarem uma mesma propriedade, aceitarem um mesmo tipo de alternância causativo/incoativa, na forma transitiva e intransitiva, ainda são verbos que estabelecem uma relação causal entre dois subeventos, denotando uma mudança de estado. Poderíamos atribuir a essa classe uma estrutura como a abaixo, como propõem Levin e Rappaport (2005):

(61) [[X ACT] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]

A representação do segundo subevento da estrutura corresponde exatamente ao acarretamento de *ficar em um estado*. Entretanto, em uma análise mais detalhada, Cançado, Godoy e Amaral (no prelo) mostram que existem certas diferenças relevantes que motivam uma subclassificação semântica ainda mais fina para os dados do PB.

3.2.1 Verbos de mudança de estado agentivo-causativos

Cançado (2005, 2010) propõe que existem verbos que denotam uma mudança de estado e acarretam uma causa como sujeito, como em (62a). Entretanto, com a adjunção de alguma expressão que atribua agentividade, esse tipo de verbo aceita também um agente, como em (62b); isso não ocorre com outros tipos de verbos:

- (62) a. O João quebrou o vaso.
 b. O João quebrou o vaso propositadamente.

A proposta é que esses verbos apresentam o predicado ACT, na estrutura em (61), apenas opcionalmente, porque quando X é o agente volicional da ação, isso não está marcado lexicalmente no verbo, mas no nível sentencial, com a presença de um modificador do sujeito¹⁰. Entretanto, Cançado, Godoy e Amaral (no prelo) propõem que a volição opcional do argumento em posição de sujeito poderia ser mais bem representada na estrutura semântica por um modificador VOLITION ‘volição’, associado a X. Portanto, a estrutura proposta em (61) para representar verbos do tipo *quebrar* vai ser ligeiramente modificada, de modo a captar a ideia de que X pode ser uma força externa, como um agente, um instrumento ou mesmo uma eventualidade, Y é a entidade afetada e STATE é o elemento idiossincrático do significado, a raiz:

(63) v: [[X_(VOLITION)] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]

A interpretação agentiva irá depender da composição, na sintaxe sentencial, do sujeito com um modificador que expresse volição. A paráfrase para a estrutura acima seria:

¹⁰ Jackendoff (1990) também faz uma proposta semelhante em que se têm predicados opcionais marcados no léxico.

(64) O X (voluntaria ou involuntariamente) causa o Y ficar *em determinado estado*.

Existem vários verbos que compõem essa classe, mas o que quero evidenciar é que entre esses verbos, encontra-se a maioria dos exemplos de verbos do tipo da Classe 3 e da Classe 4 propostas por Cançado (1995), conforme os dados de Cançado, Godoy e Amaral (no prelo). Eis alguns exemplos desses verbos (a possibilidade de agentividade das sentenças é evidenciada por um instrumento):

- (65) a. O João assustou a Maria com um revólver.
b. A chegada de João assustou a Maria.
(66) a. O João acalmou a Maria com um chá.
b. O abraço do João acalmou a Maria.
(67) a. A babá malvada traumatizou o menino com histórias de terror.
b. O acidente traumatizou o menino.

Vejam que os verbos classificados como psicológicos na literatura apresentam as mesmas propriedades que os outros verbos agentivo-causativos: aceitam uma causa ou um agente na posição de sujeito e um instrumento em adjunção quando o sujeito for um agente, como exemplificado acima; ainda, aceitam a alternância causativo-incoativa, acarretam o sentido *ficar em um estado* e aceitam passivas:

- (68) a. A Maria (se) assustou.
b. A Maria ficou assustada.
c. A Maria foi assustada pelo João.
(69) a. A Maria (se) acalmou.
b. A Maria ficou calma.
c. A Maria foi acalmada pelo João.
(70) a. O menino (se) traumatizou.
b. O menino ficou traumatizado.
c. O menino foi traumatizado pela babá malvada.

Esses verbos são bem representados pela estrutura de decomposição de predicados, como na estrutura proposta em (63):

- (71) *acalmar*: [[X_(VOLITION)] CAUSE [BECOME Y <CALMO>]]
(72) *assustar*: [[X_(VOLITION)] CAUSE [BECOME Y <ASSUSTADO>]]
(73) *traumatizar*: [[X_(VOLITION)] CAUSE [BECOME Y <TRAUMATIZADO>]]

Podemos notar que a propriedade de *apresentar um determinado estado psicológico - calmo, assustado e traumatizado* - é uma propriedade da raiz representada na estrutura, fazendo parte, portanto, do sentido idiossincrático de alguns verbos, mas não relevante para a sintaxe; as propriedades sintáticas mostradas acima não estão relacionadas à ausência ou à presença de *apresentar determinado estado psicológico*. As estruturas recorrentes desses verbos são as mesmas de verbos de mudança de estado agentivo-causativos, não fazendo sentido, portanto, separar, pelo menos, esse tipo de verbo psicológico em uma classe específica.

3.2.2 Verbos de mudança de estado estritamente causativos

Vimos acima que os verbos que fariam parte da Classe 3 e 4 de Cançado (1995) participariam da classe dos verbos de mudança de estado que estou chamando de agentivo-causativos, seguindo a proposta de Cançado, Godoy e Amaral (no prelo). Vejamos, então, que tipo de estrutura pode ser proposta para a Classe 2, verbos do tipo *preocupar*, que são verbos que aceitam apenas uma causa na posição de sujeito, ou seja, verbos de mudança de estado estritamente causativos. Esses verbos não aceitam, nem composicionalmente, um agente na posição de sujeito. Evidência disso é que sentenças com verbos desse tipo não aceitam um instrumento:

- (74) *A filha preocupou a mãe com uma faca.
- (75) *O João aborreceu o pai com um martelo.
- (76) *A Maria chateou o namorado com um revólver.

Cançado (1995) realça que, ainda que esses verbos possam apresentar um SN animado na posição de sujeito, a referência denotada por esse SN não será a de um ente animado, mas sim a de uma eventualidade não especificada, não podendo, portanto, ter volição. Isso implica uma estrutura de predicados um pouco diferente da proposta em (63):

- (77)v: [[X] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]

Na estrutura em (77), o X é interpretado como uma causa não especificada e poderíamos propor a seguinte paráfrase:

- (78) Uma eventualidade X (seja um evento ou um estado) causa o Y ficar preocupado.

Uma motivação gramatical para se propor a distinção entre as duas subclasses de verbos de mudança de estado é que verbos que possuem a estrutura em (63) aceitam a passivização sintática, enquanto os verbos que possuem a estrutura em (77) não aceitam a passivização:

- (79) a. A porta foi quebrada (pelo João).
- b. A Maria foi acalmada (pelo João).
- (80) a. *A mãe foi preocupada pela filha.
- b. *O pai foi aborrecido pelo João.

Até aqui, poderíamos, então, separar os verbos estritamente causativos como sendo um tipo de verbo psicológico. Entretanto, apesar de serem a grande maioria, existem outros verbos que não denotam ter um estado psicológico e podem ter a mesma estrutura e propriedades típicas dessa classe, como demonstrado nos dados de Cançado, Godoy e Amaral (no prelo):

- (81) a. A subida do morro cansou o João.
- b. O João ficou cansado.
- c. O João (se) cansou.
- d. *A Maria cansou o João com uma picareta.

- e. *O João foi cansado pela Maria.
- (82) a. A falência da empresa empobreceu o João.
- b. O João ficou pobre.
- c. O João (se) empobreceu.
- d. *O diretor da empresa empobreceu o João com um computador.
- e. *O João foi empobrecido pelo diretor da empresa.
- (83) a. A partilha da herança enriqueceu o João.
- b. O João ficou rico.
- c. O João (se) enriqueceu.
- d. *O pai enriqueceu o João com dinheiro.
- e. *O João foi enriquecido pelo pai.

Vemos, pois, que também para esse grupo de verbos psicológicos, o estado psicológico faz parte apenas do sentido idiossincrático da raiz desses verbos e não tem nenhuma relação com as propriedades sintáticas. Existem verbos de mudança de estado que podem ser divididos em duas subclasses: verbos agentivo-causativos e verbos estritamente causativos. Nessas duas subclasses, há a ocorrência de verbos psicológicos, partilhando da mesma estrutura semântica e das mesmas propriedades sintáticas. Portanto, até este ponto da análise, podemos afirmar que a propriedade de *apresentar um determinado estado psicológico* não está se mostrando relevante para uma proposta de classificação verbal.

3.2.3 Verbos de estado

Finalmente, analisemos a Classe 1 de Cançado (1995), que é composta por verbos que têm o experienciador na posição de sujeito. Na literatura em geral, esses verbos são representados como sendo verbos de estado, indecomponíveis, e podem ter a seguinte estrutura semântica, segundo Van Valin (2005):

(84) *amar*: [X AMAR Y]

Com a estrutura apresentada, ainda teríamos que classificar os verbos psicológicos como sendo uma classe específica. Entretanto, a minha hipótese é que os verbos estativos do tipo psicológico ainda podem ser estruturas decomponíveis e que, em realidade, eles fazem parte da classe dos verbos de posse. Os verbos desse tipo podem ser parafraseados como:

- (85) a. O João teme a Maria.
- b. O João tem temor pela Maria.
- (86) a. Os alunos admiram o professor.
- b. Os alunos têm admiração pelo professor.
- (87) a. O João ama a Maria
- b. O João tem amor pela Maria.

A estrutura proposta para a classe de verbos de posse apresentada também por Van Valin é:

(88) *ter*: [X TER Y]

Uma estrutura como a acima poderia ser a representação de uma sentença do tipo:

(89) O João tem uma casa.

Em (89), o João é o argumento X, o metapredicado TER estabelece a relação de posse entre X e Y, e Y é o argumento *uma casa*. Proponho que a mesma estrutura seja associada aos verbos psicológicos do tipo *temer*¹¹:

(90) *v*: [X TER < *THING* > por Y]

(91) *temer*: [X TER < *TEMOR* > por Y]

(92) *admirar*: [X TER < *ADMIRAÇÃO* > por Y]

(93) *amar*: [X TER < *AMOR* > por Y]

A diferença das estruturas de *ter* e *temer* é que o Y na estrutura de *temer* é um argumento da raiz *TEMOR*, que é um nome que pode ter um complemento, diferentemente, por exemplo, de Y em (89), *casa*, que é um nome saturado. Uma evidência a favor de que Y é argumento da raiz é apontada por Grimshaw (2005). Segundo a autora, existe uma dificuldade em se rotular o papel temático de um argumento de raiz. Essa dificuldade indica o caráter idiossincrático desse papel e está associada à ideia de que a raiz é a parte idiossincrática do sentido de um verbo. É fácil atribuímos papel temático ao complemento de *ter*: a posse. Entretanto, para verbos do tipo *amar*, *temer*, *admirar* fica mais difícil atribuímos um papel que recupere uma ideia genérica.

A hipótese proposta também pode ser estendida a outros verbos considerados estativos, evidenciando assim que esse comportamento não é típico de verbos psicológicos:

(94) a. O João conhece a matéria.

b. O João tem conhecimento da matéria.

(95) a. O João carece de afeto.

b. O João tem carência de afeto.

(96) a. O João necessita de dinheiro.

b. O João tem necessidade de dinheiro.

A vantagem de se tratar alguns verbos estativos dessa forma é que se recupera um sentido recorrente existente na classe e, ainda, conseguimos agrupar os verbos de estado de maneira mais geral, utilizando-nos do metapredicado TER, sabidamente relevante para a gramática de diversas línguas (Pinker, 1989; Jackendoff, 1990). Ainda, fica mais evidente com as estruturas acima que a propriedade de *apresentar um estado psicológico* faz parte da raiz do verbo e, portanto, do sentido idiossincrático do verbo, não sendo, portanto, uma propriedade relevante gramaticalmente. Entretanto, vale realçar que a estrutura proposta para essa classe não é devidamente corroborada por propriedades sintáticas, mostrando-se, assim, uma hipótese menos robusta do que as propostas feitas para as outras classes. Deixo, então, em aberto essa lacuna para ser mais bem investigada e corroborada em futuras pesquisas¹².

¹¹ Em Círiaco (2011), temos também uma proposta em que os verbos psicológicos estativos apresentam raízes nominais; entretanto, a estrutura difere da aqui proposta.

¹² Conforme apontado por um dos pareceristas, a proposta feita para a Classe 1 não se apresenta tão consistente quanto as propostas feitas para as Classes 2 e 3, pois é questionável se os conceitos de *posse* e *experiência psicológica* podem ser reduzidos a um único esquema, sem uma perda significativa para questões linguísticas importantes. Mas como aponto no texto, a hipótese proposta ainda tem de ser mais bem investigada, ficando só uma direção para futuras investigações.

Conclusão

Com a análise acima, mostrei que a propriedade *apresentar um determinado estado psicológico* é uma propriedade típica das raízes dos verbos e, portanto, não é uma propriedade da estrutura semântica considerada relevante gramaticalmente. Com isso, mostra-se questionável a divisão assumida na literatura linguística, em geral, dos verbos classificados como psicológicos.

A propriedade de ligação excepcional de anáforas, apontada na literatura como uma propriedade característica dos verbos do tipo *preocupar*, é refutada por Cançado (1995) e Cançado e Franchi (1999), já evidenciando a não consistência dessa classificação.

A duas classes apontadas pela literatura, dos verbos do tipo *temer* e verbos do tipo *preocupar*, em realidade, fazem parte de outras classes verbais. Verbos do tipo *temer* são classificados como verbos pertencentes à classe estativa de verbos de posse. Eles podem ser decompostos em unidades de sentido menores e apresentam, como estrutura recorrente de seu sentido, o metapredicado TER. A característica específica de estado psicológico está alocada na parte de sentido idiosincrática desses verbos, não apresentando nenhuma relevância gramatical. Os verbos do tipo *preocupar* podem ser agrupados em uma classe mais geral, que tem o sentido recorrente de mudança de estado, e mais especificamente, tem o sentido de ser uma classe estritamente causativa. Também nessa classe, a propriedade *apresentar um estado psicológico* está alocada na raiz dos verbos, fazendo parte, portanto, do seu sentido específico.

Cançado (1995) ainda aponta uma terceira classe de verbos psicológicos, a dos verbos do tipo *acalmar*, que teria uma leitura causativa ou agentiva, dependendo da composição sentencial. Entretanto, essa classe também se encaixa na classe mais geral de verbos que têm o sentido recorrente de mudança de estado, e, mais especificamente, têm o sentido de ser uma classe de verbos agentivo/causativos. A propriedade *apresentar um estado psicológico* também está alocada na raiz desses verbos, e, como nas outras classes, não tem relevância para as propriedades sintáticas apresentadas.

Abstract: This paper intends to show that the psychological verb classification is not relevant grammatically. Using a more formalized language, the predicate decomposition, I show that verbs classified in the literature as typically psychological belong, in reality, to other semantic verb classes. Besides this semantic representation, the syntactic properties present in psychological verbs are also present in other classes, giving evidence that *be in a psychological state* is a verb idiosyncratic property and not a recurrent sense of the semantic structure.

Key words: psychological verbs; argument structure; predicate decomposition

Referências

BELLETTI, A; RIZZI, L. Psych-verbs and θ -theory. *Natural Language & Linguistic Theory* v. 6, p. 291–352, 1988.

CANÇADO, M. Verbos Psicológicos: A Relevância dos Papéis Temáticos vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional. Tese de Doutorado, IEL, Unicamp, Campinas, 1995.

CANÇADO, M. Verbos psicológicos: análise descritiva dos dados do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 4, n.1, p. 89-114, 1996.

- CANÇADO, M. Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: verbos psicológicos. *Revista do GEL*, v. 0, p. 93-128, 2002.
- CANÇADO, M. Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. *DELTA*, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005.
- CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 77-111, 2010.
- CANÇADO, M.; FRANCHI, C. Exceptional Binding with Psych-Verbs? *Linguistic Inquiry*, n. 30, v.1, p. 133-143, 1999.
- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Belo Horizonte: Editora UFMG. (No prelo).
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Holland: Foris Publications, 1981.
- CIRÍACO, L. A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB. Tese de Doutorado. UFMG, Belo Horizonte. 2011.
- DOWTY, D. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67, p. 547-619. 1991.
- FILLMORE, C. Types of lexical informaton. In: *Semantics*, por D. Steinberg e L Jakobovits, 370-392. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- GODOY, L. Os verbos recíprocos no PB e a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe. *Alfa*, v.53, n.1, p. 283-299, 2009.
- GRIMSHAW, J. *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- GRIMSHAW, J. *Words and Structure*. Stanford: University of Chicago Press, 2005.
- HALE, K, e KEYSER, K. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.
- JACKENDOFF, R. *Semantic Structures*. Cambridge: The MIT Press, 1990.
- LANDAU, I. *The Locative Syntax of Experiencers*. Cambridge: The MIT Press, 2010.
- LEVIN, B. e RAPPAORT HOVAV. M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- LEVIN, B. e RAPPAPORT HOVAV, M. The Lexical Semantics of Verbs of Motion: The Perspective from Unaccusativity. In: *Thematic Structure: Its Role in Grammar*, por I Roca, 247-269. Berlin: Foris, 1992.
- PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- PINKER, S. *Learnability and Cognition: The acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 1989.

VAN VALIN, Robert. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, NY: Cornell, 1967.

WUNDERLICH, Dieter. Lexical Decomposition in Grammar. In: *The Oxford Handbook of Compositionality*, por M. WERNING, W. HINZEN e E. MACHERY. Oxford: Oxford University Press, 2012.

Data de envio: 26/04/2012

Data de aprovação: 09/01/2013

Data de publicação: 06/02/2013